



JOSÉ SILVEIRA

MATURIDADE

MEMÓRIAS | VOLUME 2

ORGANIZADO POR GERALDO LEITE | 2023

Todos os direitos desta edição reservados ao autor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome dos autores, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Capa
Fundação José Silveira

Diagramação
Joselito Miranda

Impressão
Graf Marques

Imagens
Acervo pessoal

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Leite, Geraldo (Org.).

L533j

José Silveira - Maturidade – Memórias V.2. /Geraldo Leite (Org.).
- Aracaju: ArtNer, 2023.

500p.:Il

ISBN: 978-85-69567-99-8

1. Memórias – Medicina – José Silveira
2. Biografia
3. Registros Históricos – Memórias Biográficas

I - Título

CDU: 61: 82- 4

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975

EDITORA ARTNER

Tel.: (79) 99131-7653 · editoraartner@gmail.com · artner.com.br

JOSÉ SILVEIRA, O SÁBIO

“

Conheceu continentes, falou línguas diferentes, aprendendo e ensinando: subiu, subiu mas sua grandeza maior é ser José Silveira, o Sábio!

”

Monsenhor Sadoc

“

O grande legado que José Silveira deixa para todos nós é, simplesmente, o exemplo de sua vida, que merece ser conhecida e meditada.

”

Heonir Rocha



QUATRO MULHERES

- *Laudicéia, luz sempiterna e bela, iluminando o fim da tarde.*
- *Lícia, eterno sol do meio-dia.*
- *Juanne e Esterzinha, raios de luz que irradiam amor e ternura.*



PREFÁCIO

A história da medicina baiana é marcada pela atuação valorosa e humanitária do Professor José Silveira. Homem altruísta e obstinado, adentrou na saúde pública quando tomou para si a responsabilidade de combater um dos grandes males que assolava a sociedade, na década de 1930.

Dos seus investimentos iniciais em pesquisa e assistência social para diagnóstico e tratamento da tuberculose, consolidou-se uma Instituição firmada em um propósito que é perpetuado diariamente, ao longo de 86 anos.

Os relatos autobiográficos em *Maturidade | Memórias - volume 2*, são retratos da magnitude da dedicação do Professor à saúde pública. Destemido, denunciou mazelas sociais em defesa da dignidade humana; conquistou espaços em grandes publicações científicas e nas Academias; esteve entre os mais renomados fisiologistas; ganhou inúmeras premiações por seu trabalho de pesquisa; publicou diversos livros, eternizando suas descobertas.

Com exímia dilação, Dr. Geraldo Leite, presidente da Fundação José Silveira, tem honrado a memória do Professor José Silveira, sendo o responsável pela desafiadora missão de compilar a vida do Professor em uma trilogia (Mocidade e Infância, Maturidade e Perfis). Dois homens honrados, em quem me inspiro.

A habilidade e cuidado demonstrados por Dr. Geraldo Leite nessa obra são verdadeiramente notáveis. Sua paixão pela história da medicina baiana e preservação do legado do Professor José Silveira, ficam evidentes em cada página das memórias que reuniu.

É uma honra poder reconhecer e expressar minha profunda admiração por esse brilhante autor e líder na área da saúde pública.

Leila Brito

Gestora do Núcleo de Desenvolvimento Estratégico,
Assistencial e Inovação da Fundação José Silveira



APRESENTAÇÃO



A fotografia acima reproduz o local de trabalho do Professor José Silveira. Neste ambiente elegante e sóbrio, ele recebeu cientistas de várias partes do mundo, colaboradores e amigos. Um dos frequentadores mais assíduos era Arlindo de Assis. A todos, do mais simples cidadão à mais alta personalidade do mundo científico, o Prof. José Silveira acolheu com lhaneza e simpatia.

Nesta sala de tão grata memória, recebi conselhos que nortearam minha vida.

Nas paredes repletas de livros, uma foto e três retratos. Bem à sua frente, num ângulo que a presente foto não indica, o retrato de D. Ivonne, sua linda esposa. Ao seu lado direito, o mestre, Prado Valladares. Ao seu lado esquerdo, o inesquecível amigo, Ludolf Brauer. Entre o mestre e o amigo, a fotografia ampliada de seus colaboradores...

No centro da sala, a mesa onde o Prof. Silveira produziu valiosos trabalhos científicos, além de grande parte de sua produção literária. Ali, naquela mesa, escreveu cartas para cientistas de diversas partes do mundo.

Nesta sala, durante anos, ele conviveu com Dona Ione Ramos Pinheiro, sua secretária. Esta mesma D. Ione, por coincidência, foi minha secretária, até poucos meses passados.

O culto ao mestre, conselheiro e amigo fez com que eu tentasse utilizar de D. Ione para, a quatro mãos, escrever a vida e a obra do grande sábio. Durante mais de um mês, perseguimos este objetivo, mas as tentativas fracassaram porque descobrimos que a vida de José Silveira foi escrita por ele mesmo.

Impactados com a descoberta, desistimos de escrever a biografia...

No dia seguinte o persistente desejo não havia morrido. Resolvi, então, unir vários trechos de seus livros, compondo uma trilogia: MOCIDADE E INFÂNCIA, MATURIDADE, e PERFIS.

O presente volume, intitulado MATURIDADE, é a continuação de MOCIDADE E INFÂNCIA.

Geraldo Leite

Presidente da Fundação José Silveira



SUMÁRIO

AUTORETRATO.....	13
CAPÍTULO 01 - 1947	19
CAPÍTULO 02 - 1947.....	35
CAPÍTULO 03 - 1948-1949.....	39
CAPÍTULO 04 - NASCIMENTO E MORTE DA CLÍNICA TISIOLÓGICA.....	49
CAPÍTULO 05 - 1950-1951	57
CAPÍTULO 06 - 1952-1953 - NO VELHO E NO NOVO MUNDOS.....	71
CAPÍTULO 07 - 1953-1954 - PROJEÇÃO INTERNACIONAL.....	81
CAPÍTULO 08 - 1955-1958 - NOVO NOME PARA O IBIT.....	91
CAPÍTULO 09 - 1958-1959 - NO ORIENTE DISTANTE	103
CAPÍTULO 10 - 1959 - TEHERAN.....	115
CAPÍTULO 11 - 1959 - PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO IBIT.....	119
CAPÍTULO 12 - 1960.....	133
CAPÍTULO 13 - 1960 - UMA IDEIA EM MARCHA	145
CAPÍTULO 14 - 1960 - XII CONGRESSO PANAMERICANO DE TUBERCULOSE	155
CAPÍTULO 15 - 1960 - A CAMINHO DA POLÔNIA.....	165
CAPÍTULO 16 - HOTÉIS QUE NÃO ESQUECI	171
CAPÍTULO 17 - 1961 - NOVOS COMPROMISSOS CIENTÍFICOS.....	183
CAPÍTULO 18 - 1962-1963 - CONGRESSOS, MAIS CONGRESSOS.....	191
CAPÍTULO 19 - 1963-1965 - SEMEANDO, SEMEANDO SEMPRE	201
CAPÍTULO 20 - D. IVONE, O ANJO BOM DO IBIT	207
CAPÍTULO 21 - 1965 - UM MUNDO DE FLORES	215
CAPITULO 22 - 1965-1969.....	223
CAPÍTULO 23 - 1969 - PELOS QUATRO CANTOS DO MUNDO	231
CAPÍTULO 24 - 1970-1972 - INGRESSO NA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA ...	237
CAPÍTULO 25 - 1970-1972 - UM HOSPITAL PARA A BAHIA	247
CAPÍTULO 26 - 1973 - FAZENDO TURISMO.....	255
CAPÍTULO 27 - 1973-1975 - PIONEIRISMO	267
CAPÍTULO 28 - 1975-1977 - NOVAS PREMIAÇÕES E HONRARIAS	281

CAPÍTULO 29 - MAIS LIVROS E PROTESTOS CONTRA O ABANDONO DO PRÉDIO DA ANTIGA FACULDADE.....	289
CAPÍTULO 30 - 1978-1979 - MAIS UM LIVRO E VÁRIOS CONGRESSOS.....	299
CAPÍTULO 31 - 1978-1979 - CAMPANHA CONTRA O HÁBITO DE FUMAR	307
CAPÍTULO 32 - 1980 - CAMPANHA CONTRA O HÁBITO DE FUMAR (II).....	315
CAPÍTULO 33 - 1980 - INÍCIO DOS ANOS OITENTA.....	323
CAPÍTULO 34 - 1981-1984 - NO CAMINHO DA REDENÇÃO	333
CAPÍTULO 35 - 1984 - FUNDAÇÃO JOSÉ SILVEIRA	343
CAPÍTULO 36 - 1984 - SILVEIRA, 80 ANOS	353
CAPÍTULO 37 - 1984 - SILVEIRA, 80 ANOS (II)	367
CAPÍTULO 38 - 1985 - AMOR PELA CIDADE	379
CAPÍTULO 39 - 1986-1987 - O NICSA	385
CAPÍTULO 40 - O NICSA.....	395
CAPÍTULO 41 - 1988 - CINQUENTA ANOS DE UM GRANDE AMOR.....	399
CAPÍTULO 42 - 1989-1990	405
CAPÍTULO 43 - 1991-1993 - ÚLTIMOS LAMPEJOS.....	415
CAPÍTULO 44 - 1991-1993 - PROJETO CALABAR.....	425
CAPÍTULO 45 - 1991-1993 - PROGRAMA IVONNE SILVEIRA.....	433
CAPÍTULO 46 - 1994 - PRÊMIOS DO ROTARY CLUB DA BAHIA	441
CAPÍTULO 47 - 1995-1998 - IBIT, SESENTA ANOS.....	449
CAPÍTULO 48 - 1999 - SILVEIRA, 95 (I).....	455
CAPÍTULO 49 - 1999 - SILVEIRA, 95 (II)	463
CAPÍTULO 50 - 1999-2001 - O DESCANSO DO GUERREIRO	473
GLOSSÁRIO	477
REFERÊNCIAS	489
BIBLIOGRAFIA	495

AUTORETRATO



Não sou homem de grandes qualidades: pessoa comum, como toda gente, padeço das mesmas imperfeições. Não tenho excelsas virtudes nem hediondos pecados. Por isso, nunca me apresentei como santo ou modelo de espírito, moralista caturra, enxergando erros em tudo e em todos. Tão pouco me sinto vítima de irreparáveis injustiças. Todas elas se realmente o foram – serviram-me para achar novos caminhos e melhorar o ritmo e as atitudes da jornada. É possível até que os males que sofri tenham sido consequências dos meus próprios erros. Daí não ficar envenenado contra ninguém. Perdoei, sempre, meus supostos ou reais inimigos.

Estudante, fui tremendamente irreverente: duvidei muito dos mestres e das “verdades” proclamadas por eles, mesmo quando considerados as grandes “cabeças” da época. Com os colegas mais inteligentes, como Luís Rogério, Armando Tavares, Diógenes Vinhaes, Catão Newton, constitui o grupo dos que não perdoavam erros, enganos, tropeços, invencionices, plágios, etc., criando ou repetindo piadas, com os mais pobres de espírito... Não tolerava, como até hoje, falsa modéstia, humildade às avessas, capachismo e bajulice...

Envolvido pela ironia contundente do meu Mestre Prado Valladares, não deixava passar nada. Cheguei mesmo a ser considerado venenoso, maldizente, quando confundiam a censura dos atos públicos com particularidades de família, estas sempre fora de qualquer cogitação minha. Franco e leal, autêntico e positivo, detestei a falsidade. Tão pouco, fui uma pessoa das chamadas modestas.

No contato com os homens mansos, ponderados, humildes, de voz tênue, aveludada e compassada, tão admirados por estas qualidades, encontrei sempre os mais presunçosos, orgulhosos e pedantes, bastando um pensamento em contrário para revelar a fera *ignominiosa*¹ e presumida, escondida no bem tecido manto da falsidade e da impostura. Modéstia, quando não corresponde à expressão real, franca e irrevogável da simplicidade e pureza, é farsa, arranjo, embuste de espertos e treiteiros. Nunca me preocupei em dar aos outros essa impressão. Natural e espontaneamente, fui o que sou. Críticas justas vieram sobre meu estilo, preponderante e centralizador, com que exerci chefias, que me foram confiadas. Confesso que assim procedi muitas vezes. Embora registre-se a meu favor que, se assim agia, era pela ânsia de perfeição, que me perseguia sempre; por amor à ordem e à disciplina: e, sobretudo, pela indolência, incompetência, preguiça e adinamia de muitos que estiveram ao meu lado. Defeito ainda meu, terá sido, em circunstâncias de trabalho e angústia, não dado atenção, carinho, a quem tanto merecia. Dessa forma, terei agredido sem querer, molestado sem pensar. Não nego ter praticado injustiça. Temperamental, reagindo às vezes a uma provocação insólita, levado por conhecimento de faltas e erros anteriores, sem maior apuração, não é de estranhar que tivesse sido injusto, incorreto, imperfeito.

Isso para apontar os defeitos, as falhas, as incorreções, os disparates e contradições por mim próprio apuradas. Longe iríamos se quisesse desfiar muitos outros, fora do meu alcance, mas, muito conhecidos e proclamados pelos meus inimigos e desafetos...

Errado, defeituoso, imperfeito, como sempre fui, creio me ter salvo, por não haver abrigado nunca em meu coração os graves e nefandos pecados da inveja, da ingratidão, do ódio, da vingança, da mentira e da avareza.

Ginasiano ainda, tinha como meu concorrente, em aulas de português, um preto retinto, humilde e verdadeiramente modesto: Costa Ribeiro. Nunca me azedei por lhe ter sido dado, de quando em vez, o primeiro lugar. Se não perdoava, com a indulgência necessária, a ignorância e a burrice, sempre me foi dado o prazer infinito, de que me orgulho pela vida afora, de reconhecer e admirar os valores reais. E, se muitos erros cometi na apreciação dos homens, foi exatamente porque me deixei seduzir pelo brilho e pela força da sua inteligência. Convencido das minhas possibilidades e limitações, jamais quis ser outro, por elevada que fosse a sua posição, mais alto seu conceito, abundante sua riqueza.

Outro pecado, que não me fere a consciência, é o da ingratidão. Em toda a minha vida, em todos os meus pronunciamentos, tenho sido incorrigivelmente grato. Digo isso até com certo orgulho, porque nisso talvez enxergue minha única virtude. Não sou inimigo do ingrato. Considero a ingratidão uma condição até normal do ser humano. Ter gratidão, cultivá-la, sim, que é exceção, grandeza, excelência, virtude, se quiserem. Fossem todos agradecidos e o que seria da gratidão?!

Só os privilegiados, entre os quais me encontro, têm o admirável dom de nunca esquecer aquele ou aquela que, num instante de dor, de angústia de dificuldades e precisão, lhe estendeu a mão, retirando-o da aflição, fazendo-lhe, enfim, um

benefício, qualquer que tenha sido. Não há, assim, porque injuriar, desprezar malsinar, os que não se beneficiam de uma das mais belas e puras qualidades de espírito e da alma humana. São a regra, o comum, a multidão... Uma qualidade minha – se é que assim se possa chamar – é a incorrigível confiança no próximo. Há os que diante de uma criatura humana começam desconfiando. Eu, ao contrário, desde logo, princípio acreditando, para se for o caso, só então e, às vezes, *mui* tardiamente admitir – com demonstrações irrefutáveis – ter sido ludibriado, enganado e traído. Nem sempre, quando descubro em engano – e aí está mais um defeito – rompo com o farsante, sem a frieza e o tato, que os bons e os santos sabem ter. Minha sorte é que, passado o momento do incidente ou da decepção, esqueço tudo não para voltar às boas, mas para eliminar, uma vez por todas, da constelação dos que um dia mereceram meu afeto, meu interesse, meu carinho...

Defeituoso ainda sou, no que diz respeito aos chamados compromissos sociais. Não guardo data de nascimento, casamento ou outro ato significativo da vida dos meus amigos. Não tenho caderninhos de nota, porque na maioria das vezes, quem os maneja, é uma simples secretária. Limito-me a mostrar meu apreço e minha amizade, nas horas tristes, nos instantes dramáticos, sobretudo quando minha presença é um bem e nunca o embaraço ou uma inutilidade. Afora com meus livros, aulas, palestras, lições e escritos, fui sempre um indisciplinado e sem ordem. O pouco que consegui alcançar nesses domínios, devo à minha mulher Ivone, personificação máxima do equilíbrio, da ordem, do regime de vida e de trabalho. Só fui correto, no cumprimento dos meus deveres; e aí, às vezes, em excesso. Daí a minha escravidão permanente aos dias, e particularmente, às horas. Para mim, 10 horas se expressam no relógio, com o ponteiro menor nesse número e o maior ao meio dia: fora daí, minutos mais ou menos são sempre sinal de impontualidade...

Outro defeito: por mais incrível que pareça: nunca tomei nota ou escrevi meus ganhos e minhas despesas. Sabendo, no bruto, o que estava ganhando, fugia dos negócios e barganhas interesseiras, procurando saber apenas o que me sobrava – se assim acontecia. Pobre de nascença, nunca tive dinheiro sobrando em minhas mãos: daí, talvez, não ter oportunidade de amá-lo ou adorá-lo. Simples meio indispensável à convivência humana, jamais trabalhei ou me sacrifiquei por *amealhá-lo*². Não sei se isso é bom; o que sei é que jamais fui roubado, a ponto de me sentir profundamente sacrificado. Vale acrescentar que, se este modo de agir nunca me prejudicou, foi porque só me associei, em termos comerciais, a amigos dignos e honestos, que sempre me premiaram com aquilo que tinha direito e merecia...

Se dessa forma procedia com meu próprio dinheiro, mais rigoroso ainda com os donativos e doações feitas às instituições da minha fantasia e da minha responsabilidade. Jamais ocupei o cargo de tesoureiro de qualquer sociedade: todos conheciam e reconheciam a minha incapacidade. Em nenhuma oportunidade cuidei das rendas do IBIT. Todos os problemas financeiros foram e continuam sendo feitos por pessoas íntegras, honestas, mas sem nenhum grau de parentesco comigo. Meus salários nunca estiveram à altura da qualidade e volume do meu trabalho, mas jamais reclamei. Recusei cargos onde nada teria que fazer.

Quando depois de exercer as funções de Diretor da Saúde Pública, Anísio Teixeira me ofereceu a possibilidade de ficar à disposição da sua Secretaria, sem encargos definidos – como dezenas de outros professores da Faculdade de Medicina lá estavam – minha recusa foi formal. Dessa atitude resultou não dispor hoje de polpuda aposentadoria... Escrúpulo excessivo? Talvez; mas sempre fui assim e nunca encontrei motivos para ser diferente... Quanto ao amor, senti-me sempre realizado. Afora algumas turbulências logo vencidas, tudo correu bem. Só uma vez busquei apaixonadamente o amor de uma mulher. Em geral, fui sempre procurado: ou as circunstâncias me levaram a isso. Não creio ter despertado grandes paixões. Não sendo homem bonito, nem tendo vocação e tempo para me dedicar às mulheres, como elas mereciam, entretive grandes romances, cenas de prazer de delírio, no Brasil e no Estrangeiro, fixando-me por último em Ivone, a verdadeira paixão da minha vida... Chegando à velhice, me sinto satisfeito, compensado e feliz. Não tive filhos. Adoro crianças, a partir de certa idade, quando bem educadas. Sua ausência, na minha vida, jamais me magoou. Nunca valorizei a glória. Depois de morto, que adianta para nós lembrarem-se do que fomos? Se alguma obra feita puder ser útil para a comunidade, já é o bastante, pois, foi nesse sentido que sempre trabalhei: a glória e a alegria serão para os que dela desfrutarem. Se tivesse filhos, talvez pensasse de modo diferente. Sentir-me-ia obrigado a deixar uma boa imagem. O homem vem ao mundo, não para se engrandecer ou se vangloriar, mas para cumprir o dever que Deus e as circunstâncias lhe impuseram. Se estas forem favoráveis à satisfação dessa obrigação cósmica, nada mais a desejar. Bem ou mal, exerci o meu ofício.

Por fim, assinalo que nenhuma posição conquistei através de grupos ou conchavos. Quando apelei para os poderosos, não foi em meu benefício ou de pessoa da minha família: e sim em favor das obras sociais e humanas que criei ou patrocinei... De todas estas, dei o recibo devido: referindo, reiteradamente, seus nomes ou fixando-os nas placas e nas medalhas em bronze que dei aos verdadeiros beneméritos...

Sonhei demais: atingi, no entanto, todos os meus propósitos. Ajudei a fundar a Associação Baiana de Medicina, sua Academia de Medicina; criei o Clube Bahiano de Xadrez, a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, a Sociedade Amigos da Cidade, o IBIT, a Associação Baiana de Combate ao Fumo e o Núcleo de Incentivo Cultural de Santo Amaro. Felizmente, quase todas vivas e em funcionamento.

Imenso tem sido o número dos meus verdadeiros amigos: tudo que consegui em verdade lhes devo. Homenagens e distinções muitas, por eles provocadas, encheram-me de alegria e reconhecimento, aqui, no Brasil e no Estrangeiro; todas bem além dos meus méritos reais. Como médico, não me fechei nas portas estreitas do meu consultório. Preocupado com a miséria e a pobreza reinantes, dediquei-me de corpo e alma ao combate da tuberculose, numa época em que essa doença era uma verdadeira peste branca. Como professor apaixonado pelo Ensino, fui grandemente gratificado com o apreço, a consideração e o carinho de todos os meus discípulos... Que mais poderia esperar um menino pobre, saído do seu pequenino Santo Amaro, para enfrentar as lutas da vida e alcançar

compreensão e ajuda, nos seus maiores anseios, nas suas mais variadas fantasias? Deus me amparou e a sorte me protegeu...

(Últimos lampejos, 79 a 85)

CARTA DE MANOEL DE ABREU

Meu caro José Silveira,

Você é o homem novo do Brasil, o panorama enorme da nossa riqueza e da nossa miséria palpita no seu coração; há rios imensos na sua vida. O homem brasileiro, principalmente o brasileiro doente que sofre e espera, vive na sua sensibilidade. VOCÊ OLHA O BRASIL, OUVI O BRASIL, SENTE O BRASIL. São vozes, são gemidos, são clamores que surgem na sua palavra clara e direta. VOCÊ É O HOMEM NOVO DO BRASIL: o seu e o nosso destino são inseparáveis, a sua alegria e sofrimento também nos pertencem, temos um só pensamento, teremos igualmente a nossa parte de glória e de desespero. Meu caro amigo, a nossa amizade constitui agora um sentimento eterno, que paira acima da nossa vida, da nossa própria vontade.

(Correspondência pessoal)

CAPÍTULO 01

1947

A PASSAGEM PELO SERVIÇO PÚBLICO

*Diretor do Departamento de Saúde Pública do Estado da Bahia (1947).
Presidente do Capítulo Norte do Brasil (American College of Chest Physicians).*

NA DIREÇÃO DO DEPARTAMENTO DE SAÚDE DO ESTADO DA BAHIA

Homem prático, objetivo e sagaz, nem por isso o velho Simões Filho deixava de sonhar e se iludir. Observando, por vários anos, minha conduta livre e independente, capaz de resistir às seduções dos postos, posições e vantagens, na carreira profissional, empolgado com que eu havia conseguido realizar, praticamente só, no campo de combate à Tuberculose, imaginou, por várias vezes, que ninguém mais capaz de dirigir a Saúde Pública do que eu. Quando Ministro, insistindo para que aceitasse o cargo de Diretor do Departamento Nacional de Saúde entre pilhérico e irônico, confessou-me: “quero-o ao meu lado; todo Rodrigues Alves tem o seu Oswaldo Cruz”. Não aceitei, por vários motivos, sobretudo, pela experiência, que tivera à Repartição similar do Estado. A essas alturas fui conduzido, também, como revelei certa vez, por influência sua. Octávio Mangabeira visitara o IBIT e com ele se impressionara; a ponto mesmo de escrever: “Este Instituto foi a melhor coisa que visitei na Bahia”. Anísio Teixeira, por quem tive sempre a maior admiração, na Secretaria de Educação e Saúde, honrou-me com uma visita à nossa casa, em conversa que se prolongou por várias horas; ao cabo da qual, arrancou de mim a promessa de que aceitaria o honroso cargo. Todas as garantias me eram dadas de que teria carta branca para agir e isso, é bom que se diga – nunca me faltou. Mas, nem só dessa liberdade se precisa para administrar, no Brasil, particularmente na Bahia. Uma tremenda infraestrutura, diabolicamente organizada, onde se chocam e entrelaçam interesses de todos os feitios, amarra-o por todos os lados e todas as maneiras. A história do que se passou comigo, em pouco tempo, pelos seus episódios mais curiosos, demonstra-o melhor do que todas as palavras.

* * *

A posse foi festiva. Como nunca, encontrei amigos e mais amigos; que, alegres e sorridentes, sentiam-se felizes, com a minha ascensão; dispostos a fazer qualquer sacrifício para corrigir velhos erros, trilhar novos caminhos, realizar tudo que a Bahia merecesse. Inteiramente fora das atividades executivas do Estado – só fui seu funcionário durante seis meses – era-me difícil tomar pé, na organização desorganizada do Departamento. Desconhecia as tramas da sua política interna. Não sabia mesmo quais eram os verdadeiros donos da repartição. Queria agir com

liberdade, visando a reformulação de velhos hábitos e da rotina, improdutiva e viciada. Foi quando surgiu o grande e principal problema: a escolha do pessoal para os cargos de direção. Como todos eram da confiança do Diretor Geral, aguardei ofício de cada um deles, pedindo sua lógica e natural demissão. Com maior ou menor atraso, todos o fizeram, menos um. Em seu nome, interferira um dos antigos colegas, para que o conservasse no lugar. Compreendendo, porém, que meu propósito era substituí-los todos, solicitava, para seu protegido, o privilégio de ser um dos últimos. Concordei, na condição de ser ele próprio responsável pela indicação do nome a ocupar o lugar do seu amigo... Depois de nomear os novos chefes, passei a insistir em que me revelasse sua preferência. Após longa hesitação, concordou em decliná-la; “uma vez que não poderia fugir ao programa geral por mim estabelecido”. Como se tratava de um grupo, até certo ponto, hostil a mim – por motivos que não vêm ao caso – cautelosamente, procurei o candidato lembrado, indagando se aceitaria o cargo, pois, não queria passar pelo dissabor de ver repelida minha escolha. Tudo isso, com o compromisso de ser esta a última substituição, a pedido, aliás, do astucioso cacique.

Eis senão quando, o atingido, tendo se cientificado do meu propósito, confidencialmente combinado com seu possível sucessor, invade-me o gabinete, desafiando-me a retirá-lo do posto confiado por ser amigo particular do Governador. Serenamente o demiti, com o aplauso integral do Chefe do Estado, que desde aquele momento, na altura da sua dignidade, selava o compromisso, que dera, de inteira liberdade nos meus atos.

Esse foi, o que se poderia chamar meu batismo de fogo. Diversas, em malícia e insinceridade, não foram as novas reações. Estas variavam da bajulação repelente, com provas insinceras de apoio, à indiferença estudada, à peçonha sutil e diabólica.

Chegando à chefia do Departamento de Saúde, no momento em que, deveriam reassumir seus cargos – dos quais foram afastados pela lei das desacumulações – os mais conceituados médicos, na sua maioria, professores da Faculdade de Medicina, muitos dos quais, meus mestres e supostos amigos, ingenuamente imaginei que neles, pela sua experiência e saber, dever-me-ia apoiar, para desempenho eficiente das funções complexas e difíceis, que caíram sobre meus ombros. Veio a primeira decepção. Apenas três, dos trinta e tantos espontaneamente compareceram, para ouvir de mim as funções, que passariam a desempenhar. Cito seus nomes, pela dignidade do seu gesto: Magalhães Neto, Mário Andrea e Pires da Veiga. Os outros, devidamente convocados, nem se deram ao pequeno esforço de responder. Quem era eu, mero assistente da Faculdade para deles exigir dedicação e trabalho? Estavam ou não à disposição do Gabinete do Diretor?! Não era isso o bastante...

De todos, porém, o mais ousado e irreverente, foi aquele que, cinicamente me pediu para voltar, “nas funções de Diretoria, não para trabalhar nem se aborrecer...” Tão importantes se achavam esses magnatas, que requisitar seu trabalho, dentro da lei, não só era crime de lesa-desrespeito, senão trabalho penoso e odioso. Tão insensato não seria eu, para entrar numa competição inglória e, sobretudo, inútil...